

Editorial

LUTA PERDIDA

O cineasta Eduardo Coutinho, com certeza o maior documentarista do cinema brasileiro, autor de pelo menos uma obra-prima, "Cabra Marcado para Morrer", foi assassinado pelo próprio filho, durante uma crise psicótica deste. Coutinho tinha 80 anos, o filho, 41.

O fato expõe uma tragédia familiar de que poucas pessoas, talvez só os mais chegados, tinham conhecimento. Mas revela também uma tragédia social, pela frequência com que esses crimes se repetem, com filhos doentes matando pais que foram obrigados a cuidar deles.

Antigamente, pessoas com esse quadro patológico eram internadas em manicômios que ficaram tristemente célebres. Em Minas, o de Barbacena chegou a ser visitado por Michel Foucault e Franco Basaglia; o último plantou aqui as bases da luta antimanicomial.

A proposta veio de encomenda para os governos, que se livraram de um encargo que os condenava a priori. Manicômios foram fechados. A atribuição de cuidar dos doentes foi transferida, em sua maior parte, aos familiares, que tiveram de acolhê-los no lar.

Nos últimos anos, o problema foi agravado com a proliferação das drogas, além do alcoolismo. Elas podem levar à deterioração cerebral, agindo sobre os neurotransmissores e impondo aos doentes um estado esquizoide similar às crises agudas de esquizofrenia.

Aí reside o perigo, quando o doente pode praticar atos agressivos. Os casos assumem aspectos psiquiátricos muito difíceis de lidar até para médicos experimentados, o que dirá para leigos, como as famílias. Estas fracassam porque não aguentam suportar o peso do encargo.

As políticas públicas são ineficazes. Tratamentos como o hospital-dia são paliativos. Os mais demorados, em clínicas privadas, são custosos e incertos. E os recursos públicos destinados a programas psicossociais se esvaem, em vista do baixo retorno dos resultados.

A situação é cômoda para o Estado e os governos, que lavam as mãos diante de uma urgência que aflige as famílias e a sociedade.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Política: Carla Kreeft

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O encanto das lamparinas de Nossa Senhora das Candeias

“...pra iluminar os caminhos das pessoas que moram na casa”

Vovó acendia uma lamparina de lata na porta da casa todo 2 de fevereiro, Dia de Nossa Senhora das Candeias. Por volta das “seis horinhas”, começava o espetáculo: candeias acesas nas portas das casas. E, de picardia, o Lequer, o doído oficial da cidade, deixava uma na porta da Igreja Batista, naquela época o único templo evangélico da cidade, até que um “protestante” aparecia e a retirava. A cena fazia parte da data!

As lamparinas iluminavam as ruas até o querosene acabar. Sem energia elétrica, imagine como era uma cena de rara beleza! Curiosa, eu indagava o significado das lamparinas acesas no Dia de Nossa Senhora das Candeias – a mesma Nossa Senhora da Candelária, Nossa Senhora da Luz, Nossa Senhora da Purificação, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Boa Viagem, Nossa Senhora da Boa Esperança e Nossa Senhora da Esperança. Só recebia como resposta que “Isso vem dos troncos velhos, menina perguntadeira! É pra iluminar os caminhos das pessoas que moram na casa”.

No capítulo II do Evangelho de Lucas há a narrativa de que, conforme a lei de Moisés, mulher parida era impura durante a quarentena e não podia frequentar o templo! Ao completar 40 dias após o parto, comparecia ao templo levando o seu sacrifício para a purificação: um cordeiro e duas pombas ou duas rolas. A data celebra a “apresentação do Menino Jesus no templo e a purificação de Nossa Senhora, 40 dias após o parto” (2 de fevereiro: 40 dias após o Natal). E as candeias acesas nas portas rememoram “o trajeto de

Maria ao templo, com uma procissão, na qual acompanhantes levavam na mão velas acesas.”

Era uma noite em que quase todo mundo se sentava em cadeiras nas calçadas. Os adultos proseando e as crianças brincando de esconde-esconde ou de roda até mais tarde. A calçada de dona Maria do seu Braulino, meus avós, era um animado ponto de encontro desde o cair da tarde porque eles tinham o costume de ficar ali “pegando uma fresca.” O cafezinho após o jantar era servido na calçada. Albertina, a cozinheira, no Dia de

De picardia, o doído da cidade deixava uma na porta do único templo evangélico, até que um “protestante” aparecia e a retirava. Fazia parte da data!

Nossa Senhora das Candeias, além das duas habituais garrafas de café “para o povo da calçada”, fazia bolo frito (de tapioca) e orelha de macaco (de amido de arroz) para servir a quem chegasse... Era uma delícia de festa do catolicismo popular!

Quando nos mudamos para Imperatriz (MA), por volta de 1972, vovó não abriu mão de sua devoção enquanto deu conta do tempo. Acendia sempre, no 2 de fevereiro, sua lamparina na porta. Era a única, em toda a nossa rua! Apesar da luz elétrica, chamava a atenção. Meus avós não abandonaram o costume das cadeiras na calçada na “boquinha da noite”, então as pessoas paravam e

indagavam o motivo da lamparina acesa. Eu e o pai velho explicávamos, porque vovó já era uma viciada nas novelas da TV e, mal acendia a candeia, entrava e ficava grudada na TV até ela dar boa-noite – sim, houve uma época no Brasil em que a TV dava o seu solene boa-noite! E ponto final.

Há uns 30 anos não vou a Graça Aranha (MA), e agora, enquanto escrevo, bate a pergunta: ainda acendem lamparinas no 2 de fevereiro ou tal celebração se perdeu no tempo? Sinto necessidade de saber... Até para fazer uma ponte com o que ocorre na data em outros lugares do Brasil que festejam no 2 de fevereiro Nossa Senhora dos Navegantes, que nas religiões de matriz africana é Iemanjá – ou Mãe D’Água, Rainha do Mar, dona Janaína – e seus rituais de água e oferendas. São exteriorizações populares de fé, de deferência ao sagrado, de beleza incomum.

